

O parentesco árabe no contexto das migrações internacionais¹

Gabrielle Da Cunha²-UFSCar/ São Paulo

Palavras-chave: parentesco árabe; migração internacional; famílias sírias

1. Introdução

O presente trabalho parte de uma das discussões iniciais que tem sido feita no desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado que tem como objetivo verificar a relação existente entre a migração síria histórica com a vinda de famílias sírias refugiadas da Guerra da Síria no interior do estado de São Paulo, na cidade de Itapira.

A metodologia de pesquisa escolhida foi a etnografia realizada com as famílias refugiadas sírias residentes em Itapira e para compreender a relação desses dois fluxos migratórios se tornou necessário pensar o parentesco no contexto das migrações internacionais.

O objetivo deste artigo se encontra em analisar as mudanças e semelhanças dos fluxos migratórios sírios no Brasil, a relação entre eles e o quanto o parentesco é alterado pela migração.

A reproblemática do parentesco do binômio biológico-cultural para o campo simbólico feito por Schneider, Carsten e Sahlins ajuda a Antropologia a compreender novas formas de ser e se relacionar que vão além da reprodução e é um artefato imprescindível para a compreensão da dinâmica do parentesco que os deslocamentos produzem, pois alteram relações, identidades e a casa.

As famílias interlocutoras, no período de adaptação no país, moravam na casa da tia, que veio no início do século XX, com outros familiares, amigos sírios que vieram para a cidade para fugir da guerra.

Essa convivência conjunta trouxe muitos conflitos e reconfigurações dos laços de parentesco das cinco famílias, duas delas permaneceram na cidade e outras foram para São Paulo, Minas Gerais, na cidade de Jacutinga, e para os EUA, reafirmando o

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Mestranda em Antropologia Social pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Pesquisadora do LEM-UFSCar (Laboratório de Estudos Migratórios).

que a pesquisadora Rosana Baeninger (2017) alerta sobre o Brasil ser um espaço de passagem no contexto dos novos fluxos de migração internacional que aconteceram no sul global após 2010.

O artigo está dividido em duas sessões, na primeira será abordado o debate antropológico sobre parentesco e deste no contexto das migrações internacionais e na segunda, será abordada as mudanças, permanências e similaridades da migração árabe na década de 1940 e da década de 2010 a partir das duas gerações migrantes das famílias interlocutoras da pesquisa.

2. A superação no estudo do parentesco do binômio natureza e cultura

O parentesco sempre recebeu da Antropologia um lugar de destaque, servindo no início dos estudos antropológicos como uma forma de inserção e compreensão das sociedades tradicionais e a partir da década de 70 recebendo outros enfoques e formas de análise.

O parentesco abordado antes de meados do século XX se prendia na questão da consanguinidade, da sublime substância, o sangue, para entender os laços de parentesco. Para Kellogg (2019) até mesmo o conceito de etnicidade euro americana está interligada ao parentesco, entender-se-á a partir da descendência, do sangue.

Schneider (1972) foi um dos percussores de uma nova abordagem na análise do parentesco, o autor estabelece críticas a discussões centrais na Antropologia como a de que o parentesco está entre o natural e o cultural.

Em seu famoso texto intitulado “What kinship is all about” Schneider traça esses marcos de análise que vão denotar a importância da consanguinidade na análise do parentesco na Antropologia em contraposição com sua abordagem que transcende esse sistema e passa a decifrá-lo como um sistema simbólico, ligado à cultura e a lei, cuja lógica traz uma abordagem simbólica para pensar o sistema de parentesco.

Segundo ele, por um bom tempo, a Antropologia seguiu o sistema de Morgan, cuja centralidade do parentesco estava sobre o casamento, em que havia a procriação e concepção, os laços de sangue e relações genéticas, laços atados através dos fatores biológicos da reprodução humana (SCHNEIDER, 1972, p. 159).

A terminologia do parentesco ficou assim marcada pela ligação biológica de pessoas através do casamento que embasa na sociedade ocidental por exemplo, a ideia da árvore

genealógica, e nestas condições, Schneider diz que o parentesco foi a chave para a classificação e da formulação da taxonomia.

Para Schneider, essa classificação de “parente” herdada de Morgan não esgota o sistema de parentesco, pois autores como Lévi Strauss mostram que a classificação de parente pode ser tratada de forma diferente, separada e autônoma do sistema de parentesco.

Há assim, várias estruturas nas mais diversas sociedades que ultrapassam a interpretação etnocêntrica dos europeus do que seria os sistemas de parentesco, o que levou o autor a notar que a categoria do parentesco não é universal, e sim uma categoria nativa, dada pelo eurocentrismo, visto que o estudo antropológico colonialista ao analisar as sociedades africanas e asiáticas utilizaram desse constructo para falar da organização dessas sociedades a partir daquilo que concebiam no Ocidente.

Para superar isso, se lançou mão da reprodução (fator biologizante) para pensar o que simbolicamente representa o parentesco, através do deslocamento da análise da natureza para a lei e cultura.

Um exemplo é o casamento, que tem muitas funções sociais na sociedade ocidental, como circulação de bens, de ser agente de socialização. Há um aspecto simbólico construído, o amor romântico entre homem e mulher, que assinam um contrato para assegurar esse amor e subordiná-lo, cumprindo um papel dentro da organização social. Esse amor romântico também é sexual e tem como consequência a reprodução e geração de filhos, que para além do sangue, sua relação também corresponde a contratos e funções na sociedade e até na mediação entre Estado e indivíduos.

A revitalização do estudo do parentesco trazida por Schneider evidencia que há vários sistemas simbólicos operando no parentesco, que os elementos biogenéticos entendidos antes como o centro de explicação e classificação, também são simbólicos sendo difícil separar o sistema de parentesco da religião, economia, etc. Ele leva a Antropologia para além das suas seguranças biológicas no estudo do parentesco.

Essa nova abordagem do parentesco inaugurada por Schneider influenciará a obra de autores como Janet Carsten e Marshall Sahlins que pensarão a partir dele, contra ou a favor e além de alguns pontos de sua análise, compondo o novo estudo do parentesco.

Algumas lutas também contribuíram para remobilizar o parentesco, como a teoria feminista, que através de Janet Carsten, por exemplo, trouxe os problemas da vida social e cultural em suas pesquisas.

Janet Carsten em seu livro “*After Kinship*” (2004) irá estudar como o parentesco está presente em condições em que o laço sangue, não media o parentesco e só a lei, e outras formas de relacionar, como na análise do caso de adoção.

A autora é conhecida nos estudos de parentesco pelo conceito de *relatdness* (relacionalidade) que amplia a noção de parentesco desbiologizando-o, *relatdness* para ela é a criação de laços de parentesco através da amizade, convivência, comensalidade.

Em sua obra “*After kinship*”, a autora vai abordar situações como a adoção, a inseminação artificial, a doação de órgãos que “são questões que eu escolhi sobre a natureza do parentesco” para mostrar “como nossos conceitos familiares do parentesco estão mudando” (CARSTEN, 2004) também como o parentesco está presente em condições em que o laço sangue sozinho, não media o parentesco e sim a lei, como na análise do caso de adoção, nas relações estabelecidas para além da procriação e consanguinidade.

A potência dos estudos do parentesco a partir dessas questões para marcar a mudança do foco de análise que através da cultura, da lei e de uma abordagem simbólica que responde melhor e não limita a compreensão das mudanças nas relações e organizações sociais que o mundo contempla principalmente nas décadas finais do século XX e início do século XXI.

A autora que recebeu críticas e por vezes é mal entendida como alguém que pretendeu anular todo o trabalho da Antropologia no estudo do parentesco, ao ampliar o conceito de parentesco criando o conceito de relacionalidade, em uma entrevista a revista RAU disse que não visa eliminar essas discussões e nem deixa de compreender o parentesco na procriação, nos laços de sangue entre as pessoas, mas que no contato com as pessoas em suas etnografias percebeu que

parentesco é realmente onde se produz boa parte do seu material imaginativo. Enfim, é também onde elas vivem suas vidas, mas é onde elas pensam sobre o futuro, o passado, onde elas especulam sobre o que poderia ser se tudo fosse maravilhoso, mas também o que é terrível em suas vidas. Porque as famílias na maioria dos lugares também são fonte de dor, dificuldade e sofrimento. Então eu acho que é o trabalho imaginativo a partir do qual algumas pessoas escrevem romances, pintam quadros e compõem sinfonias. Mas, de forma ordinária, todos os dias as pessoas utilizam muito do seu trabalho imaginativo através do parentesco ou relacionalidade (CARSTEN, p.156, 2014).

Para ela e para os estudos sobre parentesco, o conceito de relacionalidade é um instrumento de análise que não limita formas de interpretar o parentesco, o que acontece também com o conceito de “mutualidade do ser” que outro autor importante no novo estudo do parentesco utiliza para compreender o parentesco que é Marshall Sahlins.

Sahlins (2013) amplia a definição do parentesco como mutualidade do ser por compreender que o que existe é uma existência intersubjetiva, uma experiência que não é individual.

Para além dos laços biológicos do nascimento, há relações de filiaridade, familiaridade que transcendem o nascimento, pois são estabelecidas depois; tem também múltiplas relações intersubjetivas na parte material, por uma pessoa ser composta por substâncias como sangue, sêmen, leite compartilhadas por familiares e ancestrais, a relação religiosa com deuses e deus, o ser humano em qualquer sociedade não tem uma existência privada e individual, é constituído de mútuas existências e modos de ser e estar, culturalmente.

3. O parentesco no contexto das migrações internacionais e as mudanças produzidas no parentesco

Segundo a Organização Internacional para as Migrações, criada em 1951, as migrações internacionais configuram

um processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos. (OIM, 2009, p. 40)

Comumente se compreende as migrações internacionais quando há um movimento migratório para além das fronteiras do Estado Nação, que pode ter vários motivos e que exige da comunidade internacional acordos, convenções que protejam essas pessoas em deslocamento, principalmente as que são forçadas a migrar por motivo de guerras, perseguições como o caso dos refugiados e que desde 1951, conta com a formação de um Direito Internacional dos Refugiados.

Para Nolasco (2016, p. 5) a migração internacional traz variáveis como “[...] espaço, tempo e sociabilidades, há outro importante elemento a assinalar, a questão política” visto que passa por questões administrativas estatais que organizam sua política migratória, a concessão de status jurídico, proteção e acesso ou não a direitos.

Não vou me estender nas categorizações jurídicas da migração internacional, pois meu intuito é trazer para o debate o quanto as migrações internacionais estão dentro de fenômenos sociais que acontecem dentro do sistema capitalista onde em suas crises, que promovem miséria e guerras, pessoas precisam se deslocar em busca de melhores condições de vida ou para salvar suas próprias vidas que é o caso dos refugiados que falo neste artigo e essas mudanças produzidas pelo deslocamento estão numa esfera macrossocial, mas que para a vida dos sujeitos migrantes, ela produz alterações também na ordem micro e causa impactos até mesmo nas relações e configurações familiares (MACHADO, 2010).

Nos estudos sobre migrações transnacionais costuma-se compreender a família como algo dado, para ter um instrumento metodológico mais abrangente, MACHADO (2010,p. 5) acredita que a noção de *relatedness* postulada por Janet Carsten seja o “termo mais adequado ao estudo do “parentesco” em contextos como os migratórios” por ajudar na compreensão dos reordenamentos que o deslocamento provoca nas relações de parentesco dos imigrantes e refugiados ³ que ao migrar ou se refugiar num outro país, estão sujeitos a mudanças e permanências na forma de se relacionar dentro da família, no papel do homem, da mulher, dos filhos, parentes e nos desafios que a nova sociedade coloca para a integração e inserção em empregos e no convívio social.

Nos resultados iniciais do desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado percebe-se as alterações na relacionalidade das famílias migrantes tanto no início do século XX quanto nas do início do século XXI.

A primeira mudança na ordem das relações e convivência dessas famílias interlocutoras, no período de adaptação no país, foi morar todos juntos numa mesma casa, a casa da tia, onde irmãos, sobrinhos, primos e amigos da família que vieram para a cidade para salvarem suas vidas da guerra. Essas famílias moravam em Homs, uma

³ Imigrante e refugiado pertencem a categorias diferentes. Imigrante é quem migra para um outro país em busca de melhores condições de vida e refugiado “Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”(ACNUR,2017).

das cidades mais atingidas na Guerra da Síria⁴ e porque eles são cristãos e corriam sérios riscos, porque onde moravam foi dominado por jihadistas islâmicos do Estado Islâmico que perseguiram e mataram católicos, curdos e grupos de outras religiões e etnias.

O esposo de uma das interlocutoras não pode vir ao Brasil, para a sua esposa e filhas conseguirem sair da cidade, contraiu uma dívida com o grupo e todo dinheiro que consegue é para pagar a dívida com o grupo extremista ficando inviável vir para o país com a família.

A convivência conjunta de várias famílias numa única casa, no Brasil, trouxe muitos conflitos e reconfigurações dos laços de parentesco das cinco famílias, duas delas permaneceram na cidade e outras foram para os EUA, São Paulo e para a cidade de Jacutinga, em Minas Gerais reafirmando o que a pesquisadora Rosana Baeninger alerta sobre o Brasil ser um espaço de passagem no contexto dos novos fluxos de migração internacional que aconteceram no sul global após 2010.

Para evidenciar melhor as dificuldades e mudanças nas relacionais das duas gerações dessa família estendida síria migrante e refugiada, foi criado o quadro 1 que traz as famílias interlocutoras chamadas de 1, 2,3 e 4 com as iniciais irreais dos nomes dos interlocutores e interlocutoras, com idade e ocupação dos mesmos e mesmas e as dificuldades encontradas por eles para viverem na cidade do interior paulista:

Quadro 1: Relatos das dificuldades encontradas pelas famílias sírias no Brasil

⁴ Em 2011, teve início na Síria manifestações para exigir a saída do presidente Bashar Al Assad tido pelos manifestantes como ditador. Essas manifestações ocorreram na Síria também ocorreram na Líbia, Egito, esse movimento que pedia um regime democrático com eleições ficou conhecido como Primavera Árabe. Na Síria, forças pró e contra governo iniciaram um conflito civil que já dura seis anos. Uma solução política para o conflito ainda não foi encontrada, visto que há forças locais, regionais e internacionais que fazem com que o conflito permaneça.

Família que veio no início do século XX:

Interlocutora 1: A.A, 89 anos, irmã e tia dos outros interlocutores da pesquisa.

Ela e seu marido chegaram no Brasil em 1945, vieram visitar o irmão em Itapira e a convite dele, acabaram ficando para ajudá-lo no comércio da cidade.

Dificuldades: Adaptação na cidade que era pequena e tinha poucas coisas para fazer para jovens de 15 anos (a interlocutora tinha essa idade quando chegou na cidade), além do idioma, saudade dos pais, da vida na Síria e a solidão.

O jovem casal passou a viver na mesma casa do cunhado que era solteiro.

Segundo A.A havia conflitos com o marido por ela sempre querer voltar para a Síria e ele querer tentar a vida em Itapira e ajudar o irmão.

Famílias refugiadas sírias que chegaram em Itapira por intermédio da interlocutora 1 a partir de 2012:

Família interlocutora 2: V.A (Irmão da interlocutora AA) e esposa G.A: 70 anos, engenheiro elétrico e a esposa, 70 anos, diretora de escola. Vieram para fugir da guerra na Síria através da ajuda da irmã.

V.A teve sua casa atingida por bombas. Possuía muitos bens na Síria, gastou 45.000,00 dólares para trazer a família (filhos, noras e netos) para o Brasil. Nas conversas sempre com pesar menciona que na Síria tinha muito dinheiro e bens e que hoje mora de favores com a irmã.

Sempre demonstra uma certa superioridade dele, sírio, em relação aos brasileiros. Para ele, não falamos corretamente o próprio idioma, falta aos brasileiros cultura e educação.

Dificuldades: adaptação na cidade é difícil, na Síria havia muitas reuniões com familiares, amigos e na cidade de Itapira não há, considera os moradores de Itapira antissociais. G.A sente dificuldades na questão do idioma, ela mora com o filho na cidade de Jacutinga-MG depois que a esposa dele faleceu num acidente de carro em 2017.

Mudanças produzidas pelo deslocamento: o casal se dividiu, V.A mora em Itapira com a irmã e G.A mora com filho e netos em Jacutinga-MG.

Família interlocutora 3: H. A (43 anos) e J.A (18 anos) filha e neta da família interlocutora 2- H.A era professora de uma escola do governo na Síria. Chegaram no

Brasil junto com os pais e ainda moram juntos na casa da tia (interlocutora 1). Já teve vários comércios na cidade, ajudada pela tia A.A. Ela primeiro ajudou a tia na sapataria, depois abriu uma padaria onde vendia salgados e doces sírios, e era o ponto de encontro dos sírios migrantes na cidade e atualmente está com uma sorveteria.

J.A fez relatos de como era a vida na Síria antes do conflito, disse que não havia guerras entre muçulmanos e cristãos antes do conflito, que viu pessoas sendo mortas na cidade pelos membros do Estado Islâmico e que seu pai ficou na Síria como escravo do Estado Islâmico, não acreditando que um dia ele possa vir morar no Brasil.

Dificuldades: para H.A o idioma é uma dificuldade, não trabalhar como professora, estar separada fisicamente do marido. Para J.A a principal dificuldade é a saudade do pai, ela não pretende voltar para a Síria.

Mudanças produzidas pelo deslocamento: separação física entre o casal, dependência econômica da tia e irmão que antes de ter a sua família a ajudava e depois que ele teve filhos no Brasil não pôde mais ajudá-la. Quando moraram todos na mesma casa em 2012, houveram muitas brigas e atualmente ela não conversa com o irmão e a cunhada (família interlocutora 4).

Família interlocutora 4: F.A (50 anos e engenheiro elétrico) e C.A (35 anos, engenheira): Se casaram na Síria pouco antes de vir para o Brasil com os pais e irmã, moraram na mesma casa com a família interlocutora 1,2 e 3, onde passaram por muitos conflitos e trapaças de outros refugiados sírios que por serem amigos, eles acolheram na casa. Tiveram 4 filhos quando habitavam a casa com a família estendida e atualmente moram numa casa separada. F.A tem uma loja de conserto de eletroeletrônicos no centro da cidade, espaço cedido pela tia A.A.

Dificuldades: Idioma, falta de amigos e amigas na cidade, custo de vida no Brasil muito elevado, empregos com baixo salário.

Mudanças produzidas pelo deslocamento: mau relacionamento com a cunhada e irmã (família interlocutora 3), C.A se dedica aos cuidados de filhos e filha, não há esperança de emprego.

Nota-se que há algumas semelhanças nas dificuldades encontradas pelas famílias tanto a tia que veio em 1945 quanto o irmão e sobrinhos que vieram em 2012, como a dificuldade com o idioma português, os conflitos entre esposa e esposo e irmão e irmãs e a cunhada, além das funções econômicas das mulheres na Síria e depois em Itapira.

Um outro ponto que os resultados iniciais ajudam a compreender é que existe o parentesco árabe, também ligado a consanguinidade. Dentre as diferenças que até meus interlocutores notam e me questionam por namorar há três anos, é que no parentesco árabe não há a existência do namoro, os pais participam nos contatos e encontros com as pessoas e famílias escolhidas pelo filho ou filha, o casal noiva e depois casa. Há exigência moral e social de filhos ao casal que se casa, e também o amparo do irmão mais velho as irmãs e irmãos mais novos.

Também aparece que é muito importante para eles as relações de amizade, demonstrada tanto na ajuda a amigos para vir ao Brasil e acolhê-los morando todos juntos, como também na queixa deles sobre a cidade ser antissocial, deles se sentirem não acolhidos e bem quistos pelos moradores da cidade e não ter amigos.

Michelle Obeid (2010) ao fazer o seu trabalho de campo na cidade libanesa de Aarsal percebeu que embora as relações de parentesco para essa população árabe fosse marcada pela descendência, mudanças econômicas e sociais da cidade interviam na dinâmica das relações de sociabilidade e que a amizade se configurava e era entendida pelos moradores como algo muito próximo ao parentesco.

A autora salienta que embora a amizade corresponda a uma relação próxima e de grande vínculo entre as pessoas, ela não pode ser entendida como parentesco, mas configura numa relação cujos laços são parecidos (OBEID, 2010, p. 94).

Em conversa com o padre da igreja católica da cidade de Itapira em que a tia e as famílias sírias frequentavam quando chegavam e frequentam às vezes na cidade, ele contou que as pessoas da cidade e da paróquia tiveram muita resistência em acolher as famílias, pois no imaginário social das pessoas da cidade, eles são turcos e os turcos são sorrateiros, querem sempre se aproveitar, o que traz algo emblemático sobre a migração síria histórica no país.

Já nas primeiras gerações da migração sírio-libanesa no Brasil, os brasileiros os chamavam de turcos e os imigrantes sírios e libaneses não gostavam de serem chamados de turcos pelos brasileiros, visto que eram os turcos responsáveis pelos seus deslocamentos da aldeia de origem. Como era a Turquia que expedia a liberação da viagem conferindo-lhes um documento, muitos brasileiros denominavam-nos de turcos (SIQUEIRA, 2006).

Esse estereótipo criado que atrapalhou essas famílias migrantes há décadas atrás continua atrapalhando as famílias refugiadas que chegam no interior do país um século depois, uma das dificuldades que permanecem na migração árabe no Brasil.

4. Considerações Finais

O estudo do parentesco na Antropologia ao passar do binômio natureza/cultura, descentralizar a análise eurocêntrica para a compreensão das diversas realidades e possibilidades de ser parente e entender as novas configurações familiares que a sociedade moderna possui se torna dispositivo para análise e compreensão do parentesco principalmente nos contextos migratórios.

O termo relatedness cunhado por Janet Carsten dá uma abordagem ampla e se torna dispositivo para compreensão das mudanças ocorridas nas relações e configurações familiares advindas nos processos migratórios.

A relação da migração síria histórica com a vinda de famílias refugiadas sírias no interior de São Paulo evidencia que são interligadas a partir do parentesco e que também há diferenças e permanências no modo de vida se comparada os familiares que vieram em 1945 com os que chegaram na cidade em 2012.

Embora sejam sírios, as famílias interlocutoras se identificam como árabes e em conversa com brasileiros sempre marca as diferenças existentes no parentesco árabe como o fato de não haver namoro e sim só noivado, e que as visitas e amizades são muito importante para eles e que sentem solidão ao ter familiares mas não muitos amigos na cidade paulista.

5. Referências bibliográficas:

ACNUR. **A diferença entre refugiados e migrantes.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>. Acesso em 10 de março de 2020.

BAENINGER, Rosana. **Migrações Transnacionais de refúgio: a imigração síria no Brasil no século XXI.** In: CIERCO, Teresa et al. Fluxos migratórios e refugiados na atualidade. Rio de Janeiro (rj): Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2017. p.79-98.

Carsten, J. **After Kinship**. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

Carsten, J. **Migração, deslocamentos e as franjas do parentesco**. [Entrevista concedida a] Igor José de Renó de Machado. RAU (Revista de Antropologia da UFSCar), São Carlos, 6 (2), jul./dez. 2014: 130-145.

KELLOGG, Sarah B. **Syriac Christianity, Ethnicity, and Secular Legibility**. Current Anthropology Volume 60, Number 4, August 2019.

MACHADO, Igor J.R. **Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares**, Brasil. Etnográfica, fevereiro de 2010, p. 5-26.

NOLASCO, Carlos. **Migrações internacionais: conceitos, tipologias e teorias**. Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado. Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/14615_Oficina_434.pdf.

OBEID, Michelle. **Friendship, kinship and sociality in a Lebanese town**. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/292865603_Friendship_kinship_and_sociality_in_a_Lebanese_town . Acesso em 25/10/2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Glossário sobre Migração**. Editora: Organização Internacional para as Migrações, Genebra, Suíça, 2009.

SAHLINS, M. **What Kinship is and is not?** University of Chicago Press, Chicago, 2013.

SIQUEIRA, Márcia D. **Revivendo a colônia: o papel da mulher imigrante sírio-libanesa no Brasil**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO7: GÊNERO E PRECONCEITOS. 1. Florianópolis-SC.

SCHNEIDER, David M. 1972. "**What is Kinship all About?**". In: Priscilla Reining (ed.). *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*: 32-63. Washington: The Anthropological Society of Washington.